

Picaro

Preço: Cr 200,00

30 de novembro de 84 — Mogi das Cruzes — SP.

N:1

BEAT



Inúmeros flashes remontam o folhetim, uma evocação aos anos 40/50 à mística BEAT. A bíblia underground se liberta enfim, das marmotas escuras às nossas editoras (30 anos de atraso) matando os extemporâneos famintos de tesão.

Mas nosso esforço de rodar o PICARO em meio à manifestação BEAT não é um mero acaso. Mas um tributo ao Kerouac que completa os 15 anos de morte alcoolizada e hoje, arrebatando os leitores jovens, desgarrados da supremacia global.

KEROUAC NO CÉU COM DIAMANTES...



"Precisamos continuar indo sem nunca pararmos, para lá. Onde estamos indo cara? Eu não sei, mas precisamos ir..." JACK KEROUAC — trechos de ON THE ROAD.

Sob a melódica batida bop dos jazzístas Lester Young, Charlie Parker ou Billie Holiday, num hipster lotado de drogados nas noites novaiorquinas, é que nasce o termo BEAT, cunhado pelo expoente da geração 40/50, o ilustre bebum Jack Kerouac. Dentre os lóquas da Universidade de Columbia (em 44), estavam os não menos ilustres beats literatos, Allen Ginsberg, William Burroughs, Lucien Carr, além das outras prosaicas figuras como Gregory Corso ou Neil Cassidy (Dean Moriarty — On the road) e muitos outros performáticos da vanguarda literária norte-americana.

Todos cultivavam o espontâneo, a intuição, sem a resignação sob doutrinas sectárias do academicismo, mas sim o tesão de escrever ao prelúdio musical nas auto-estradas. Nova-iorque via São Francisco, Califórnia via Denver, perfilando o movimento BEAT pela Carolina do Norte e outras estradas afins. O gozo estava na inquietude e irreverência, não como modismo fútil de rebeldia.

A geração foi basicamente contada em movimento que lá de carona sob o sol quente de Denver com cadernos de anotações debaixo dos braços, passaram por inúmeras comunidades, vi-

sitavam plantações de maconha de Burroughs e sua mulher Joan em Houston, Texas. Depois, Europa, Tânger, Peru, Japão, para voltar à São Francisco, na livraria-gueto, a City Lights Books, a editora do Lawrence Ferlinghetti. Este, o responsável pelo lançamento de todos eles. Idas e vindas sob prismas de jazz, caronas, drogas e trans-bi-homossexuais, sem o projeto estético da literatura reacionária, agora Withman, Thoreau, Pound ou Mallarmé, que os inspiravam. Assim, todas as obras existentes tiveram seus pertos normais e naturais nas auto-estradas, e seus pais, hoje na casa dos 60, apreciam seus netos, os punks, os new de todos os jeitos e a vanguarda internacional em todas as artes. Burroughs, hoje aos 70 anos, continua veemente: escreve seus livros fumando kiff, haxixe e maconha, tomando picos de heroína, além de sucedâneos sintéticos. Ele trabalha atualmente com David Bowie, participa nos discos da new Laurie Anderson e transa os Polici. Ginsberg por sua vez, é um dos líderes do movimento anti-nuclear e foi há dois anos, assistido pelo nosso escritor Ignácio de Loyola Brandão, a uma leitura na Academia Der Kunst, em Berlim.

Jack Kerouac e Neil Cassidy, bem, à estes dois que fazemos um tributo às suas memórias pelos 15 e 16 anos de mortes, só há que fazer matérias à parte...

LUCI SUZUKI

UM IMPULSO EM DIREÇÃO
AO PRAZER



AMADO MEU presidido de ATOS IMPU-
ROS de Pier Paolo Pasolini — ed. Bras. — é um
daqueles romances em que a gente começa a ler
e não mais parar. Flúida o livro e fica na cabeça,
as passagens descritivas de um amor sensual e
eterno. Mergulhamos na paixão de adolescente
pelos meninos (maioria seus alunos).

A narrativa (na 1.ª pessoa) conta as desilú-
sões, amarguras e felicidades dentro de uma so-
ciedade conservadora. "E ao vento direi que por
ti um jovem morre"... (Amado Meu)

Os manuscritos dos romances foram redigi-
dos antes e depois da 2.ª Guerra, daí Pasolini
escreve: "As telhas tinham queimado e as calhas
pendiam, torcidas, contra o céu que se embran-
quecia, num odor calcinante de morte", ao re-
lar a destruição da vila onde morava.

Com AMADO MEU, o leitor sofre, condena
e rejeita. Noutros planos, respira o desejo, sen-
te a necessidade e, principalmente acredita no
amor.

LUZ DO ESCÂNDALO — Poeta, cineasta, jor-
nalista, Pasolini nasceu no dia 5 de março de 22
em Bolonha, Itália. Publicou vários livros de en-
salo e poesia além de escrever e dirigir os filmes
TEOREMA e DECAMERON. Sua vida pertur-
bava a ordem, trazendo para a sociedade ques-
tões novas e importantes. A 2 de novembro de
75 é linchado e morto numa praia por um jo-
vem chamado Pelosi.

Jaíro



PUNK: ESPÍRITO DE 77
A ALMA DOS 80

"O Rock está velho, vamos matá-lo". Com
esta afirmação, Johnny Rotten, vocalista dos
Sex Pistols, pretendia acabar com o marasmo
que reinava na música pop dos anos oitenta.

Como se não bastasse o clima de fim do
mundo, desemprego, tédio, injustiça social, vio-
lência que a garotada vivia, o rock se transforma
num grande negócio (show business) onde pre-
dominam os super-stars em suas limousines e
mansões, num conformismo total, que não ti-
nha nada haver com uma geração sem perspecti-
vas do futuro: NO FUTURE.

O Punk não acabou com o Rock, pelo con-
trário, revitalizou-o, transformando completa-
mente. Primeiro foi o nihilismo e a iconoclastia
punk que varreu os super-stars da linha de fren-
te do cenário da música pop, e revolucionou a
lógica do mercado de disco: agora eram as pe-
quenas bandas ligadas às gravadoras sem perspecti-
vas de sucesso sem mesmo ter a cobertura da imprensa.
Depois, veio a new-wave com muitas bandas co-
mercializando valores punk, e outras que cria-
ram uma nova estética para o rock.

Do punk e da new wave, se desdobram
muitos estilos que hoje predominam: techno-
pop, new-romantics, rockabilly, neo-psicodéli-
co, ska, entre outros que a mídia não rotulou.

Assim Sex Pistols dividiu a história do rock
antes e depois do punk, redefinindo e assumin-
do a verdadeira identidade do rock'n roll: a re-
belião e o inconformismo, com músicas para
dançar feita por garotos para os garotos.

heder cláudio

À VOCÊ DE BLUSA MARROM-CLARO

Você está no meu realismo absurdo,
nas loucuras sóbrias...
Este poema percível ao vento é pra você... con-
tinuo nillista por excelência. Lucil

clã29

camiseteria

Tire a roupa... vista O'NEILL! Vanguardistas
de cabeça e corpo.
Você sai da loja pensando no mundo.

R. Carmela Dutra n' 29
M. das Cruzes - SP

O ESPÍRITO DA COISA

Deus nosso senhor já estava na metade do sexto dia da criação do mundo, e ainda não tinha pego o Espírito da Coisa. Foi assim que enviou o Espírito Santo à procura desse espírito fujuão.

Mes o Espírito Santo vagou milhares de anos e não conseguiu nada, e não ser engravidar a mulher de um carpinteiro, que pariu um menino rebelde que se dizia filho de Deus, que a essas alturas não tinha nada a ver com a bola, e dormia deitado eternamente em berço esplêndido.

Certa tarde de 1984, o Espírito Santo, sem ter o que fazer, zelava pelas criancinhas, quando viu voando no vento uma folha do PICARO, e gradud nela vinha o Espírito da Coisa.

Aí, dois tiveram uma conversa muito espírita, que contaremos numa próxima edição casual da editora sem-prensa...

Do amigo Márlon (de Floripa) — Folha De Lirio

FANTASMA DO COLAPSO BRASILEIRO

Nós do Picaro perfilhamos o editorial que a Folha (15/11/84) questionou sobre a legitimidade do mandato de quem assume a Presidência através do Colégio Eleitoral. Tancredo e todo heterogêneo partido oposicionista que tanto lutou pelas DIRETAS-JÁ, hoje saúdam o Colégio, subestimando o povo, agora os interessados no antro. Fatalmente anacrônicos ao movimento de Anhangabaú e Praça da Sé. Ahn? Que hou-

A BARRA SEGURA O PRESIDENTE

Um gole a mais injetado. Mãe, eu quero morrer com a eleição deles. Tenho sede de urnal Rock é vida, prazer e emoção. Os gostos divergem, mas a batida do coração é a mesma.

Mas como eu lá dizendo, teremos eleição indireta para Presidente no dia 15 de janeiro e Rock'n Rio direto na cabeça de 11 a 20. As gravadoras esperam no banheiro a riqueza que acomoda na sala. O rock da Barra da Tijuca chega como ácido na cabeça da geração. As rádios e as TVs acionam esquema de propaganda. Mas eu queria era votar! E ir zoar depois. Tudo parece mentira. Festival de rock e eleição no Brasil.

Jaíro

H AIR
Cabelos e mais
MOISÉS E CARLINHOS
R. Barão de Jaceguai 914
460-3064

PERTURBAVA PERTUR-
QUESTÕES QUES-
DIVERGEM
INDIRETA
CENSURA
MOIRER
IN- DIVER-
CASTILHO

O OBSCURO METRÔ

Não louvamos "apoteoticamente" os remanescentes BEATS, apesar das efusivas leituras da bíblia underground, mas o new-desenganado METRÔ, que canta profuso em todas as FMs, a música BEAT ACELERADO, articulando um swing irracional e falaz, deveria retornar às masmorras do túnel metroviário. Bob Cuspe não perdoaria..

Luci

Studio
S para
FOTO - CINE - VIDEO
RUA ANTONIO CÂNDIDO VIEIRA, 789
FONE: 469-9687

O que falar deste estradeiro que escreveu ON THE ROAD em 3 semanas num rolo de telex com "drugs" para sustentar o ritmo? O que falar do expoente BEAT que amava os "boppers" Charlie Parker ou Gillespie? Este que amou Cassidy...
...uma viagem épica pelas curvas de Nova Iorque deso-

O livro é uma viagem épica pelas curvas de Denver até Frisco, do Brasil nos braços de toda ela, e agora chega ao Brasil nos braços de Crisdo da prosódia bop — literatura transcrita — no mesmo ritmo em que é vivida. Um erudito acalma de tudo, apaixonado pelo Rimbaud, vai trilhando panorama da América sobre os vagões carquês ou em Cadillac vermelho, se ajuntando-se aos demais caroneiros. Jack Keat morreu em 1969, 21 de outubro, pendurou sua mochila e deixando rastros na estrada... Luc

truck

Tanto Leminski que traduziu Ferlinghetti como este poeta, são no mínimo uma dupla de enurdição harmônica. Os poemas falam da composição social, as dúvidas, o sonho americano, as ruas íngremes de São Francisco ou a galeria Six, ponto de encontro dos incuráveis insatisfeitos. Acessível aos jovens, "Vidas sem fim", reúne os melhores poemas de 55 a 80, onde mostra claramente o desenfreado milagre econômico.

Ferlinghetti aportou no Brasil há três semanas e seus livros não param nos balcões. Desembarcam diretamente às cabeças de manifestantes artísticos de vasta legião na década de 80.

Filhos da crise americana e de apocalípticas e revolucionárias influências de Thoreau, Whitman e Blake além das condições sociais, são alguns dos resultados que os Beats tenderam a transitar sobre a dissidência. E não foi por acaso que este movimento nascia em diversos pontos dos EUA, surgidos de bares, circuitos marginais e de outros trilhos que não fossem do esquema "american way of life". Os próprios retirantes bem retratados no filme "As vinhas da ira", à busca de emprego nas plantações de algodão, faziam paralelamente o contexto 30/40/50 em moio ao léardio.

Ferlinghetti, este italo-americano não fugiu a regra ao assistir as cenas da decadência. Mas quando ele abriu sua livraria em São Francisco, a City Lights Books, a cidade nunca mais foi a mesma, desde então. Poeta e editor de todos os literatos, Beats, lançava bombasticamente estas figuras ao mundo. A partir daí, o mundo nunca mais foi o mesmo. Nem o Brasil agora.

Lucy

O universo louco e vibrante dos BEATS chega com todo "arsenal" com doses paradísicas para quem quiser entender este movimento despojado de pragmatismo. Kerouac, Ginsberg, Burroughs, Ferlinghetti, Ceszady, os sonhos americanos, as auto-estradas, a revolução que originou o espírito da contracultura e a loucura 20 anos reunidos num ensaio brilhante: a ALMA BEAT pela L&PM. Neste livro, reúne os monstros sagrados — tradutores e enalistas como Antonio Blvar, Pepe Escobar, Cláudio Willer, Reinaldo Morais, Eduardo Bueno, Leonardo Fróes e Roberto Muggiati.

Luci

Cartas são reveladoras e às vezes divergentes. O livro "Cartas do Yage", (ed. L&PM) são as correspondências reflexivas, anotações mapas trocadas por Burroughs e Ginsberg, onde rascunham o perfil mltiucioso do latino-americano e

da descoberta do "Yage", um alucinógeno da família dos Malpighiáceas, encontrados no Peru, Colômbia e na selva Amazônica. A droga perceptiva sempre foi utilizado pelas tribos indígenas da região, e por isso, o livro envolve alucinante. Demolidorasi Jairo

Jairo

APACHES, PUNKS
HIPPIES, BEATNIKS
DE TODOS OS TEMPOS
* UNI-VOS!

(cartão Veloso)



UIVC

Jack Kerouac, principal escritor Beat, nasceu sob o signo da Inquietude: foi jornalista escorrido, caroneiro, ajudante de cozinha, guarda-freio e vigia de incêndios florestais. Seu livro "ON THE ROAD" foi escrito em três semanas consecutivas com doses de anfetam. Num rolo de papel de toalete para não parar mais. Escrevia nas ruas, estradas, como viajante ao México e Europa, cruzando sempre os amigos Ginsberg, Burroughs e Cassidy.

No seu último livro, "Os subterrâneos", Kerouac fala em primeira pessoa, falando dos bares e da paixão Irresistível à Mardou Fox, uma mestiça mexicana. Suas dúvidas amorosas e o medo de levar um "fora" da garota passa a persegui-lo até o fim do livro. Nestes melos tempos, acontecem peripécias que envolvem seus amigos, e além de tudo, consegue ser um excelente ator em ser o "liberal" para não perder a Mardou. Enfim, muito do que acontece com todos ainda hoje.

Luci

VAMOS FALAR DO ROCK. Já que não há dúvidas de que o rock é a forma de arte que melhor reflete a situação a que chegou este planeta. Toda a falência social embalada no ritmo de rockabilly, reggae e techno. Qualquer ritmo mistura-se ao rock, e sendo "universal", sempre volta a dominar. E hoje, este ritmo pulsante da sociedade industrial e pos-industrial encontra um aliado: o vídeo-clip, com linguagem direta e afiada do rock, casando com a linguagem artística que não se prende a manuais ou academicismos.

Enquanto isso, em qualquer lugar, ouvimos o último hit do Kid Abbora ou do Devo. A falecida new-wave — movimento basicamente estético-musical, irmão bastardo do punk, que viveu entre 77 e o início da década na Europa e nos EUA — no Brasil virou moda. Estereótipos vegetam, para a alegria das confecções, animadores de estúdio e danceterias. Animado por felizes músicos recrutados pelas gravadoras para imprimir no vinil, ritmos do momento.

O Brasil já teve uma fase rock. O Jovem Guarda era a resposta brasileira para os garotos de Liverpool. Roquinhos ingênuos, mas os primeiros no movimento. Para encontrar algo que excite nossos sentidos e quece os músculos, na mesma das FMs, um trabalho hercúleo nos espera. Nestas, ouviremos tudo o lido do rock misturado com os decadentes medalhões da MPB. Entre um decadente Milton Nascimento e Lulu Santos (tudo aquilo ou os Kennys Footlose Loggins da vida, com um pouco de sorte ouviremos Ultraje a Rigor. Mas se você não tem paciência — espero que não — mude para o Rio e ouça a transcendental Rádio Fluminense.

Por outro lado, nas TVs, nossos sentidos são entorpecidos por insossos vídeo-clips. MacLennan não acreditaria. O vídeo-clip é a forma mais avançada em termos técnicos e criativos da linguagem televisiva na TV comercial. Como esta TV tem seus limites criativos contidos pela censura e interesses comerciais, todo vídeo-clip tem duas versões: Uma para essas TVs e outra para ambientes fechados.

Mas falando de new-wave, até as AMs entram na onda, na periferia, — os programas de auditório idem — “assista a sessão new wave” no programa Barros de Alencar — e os salões brega dão espaços para a “Noite new wave”. Apesar de todo agito, de predominância na programação das rádios, poucos da nova onda vendem discos em quantidade. Garotada new wave não compra discos, compra roupas. Quem vende disco no Brasil são os metalheiros. Não é à toa que o ROCK IN RIO é feito de heavy metal.

Agora se você já se encheu de new wave, também não gosta dos meninos do Menudo, se mexa, agite e descubra o som pós-punk. Ouça Siouxs and the Banshees. Pegue um trem, vá à Estação Madame Satã ou ao mutável Val Improviso conhecer o novo rock paulistano. Na volta, ouça seus amigos e ria dos new wave.

Dilson Spíndola

RÉ - BORDOSO

Professor da ECA-USP, apaixonado pelo Artaud e de coisas pestilentas que proliferam ao redor de Anhangabá e Largo do Arouche. Reflete sobre a observação de seu amigo de que — "temos o tempo todo, a cabeça na lua e os pés na merda". Talvez por isso, Teixeira Coelho, ao escrever FLIPERAMA SEM CREME pela Brasilense, despiu-se da candura e vestiu-se de apostasia anos 80.

No seu livro ele queria ser punk, mas não sabia o que era punk. Fez uma apresentação na Fábrica do Som, perambulou pelas ruas de Sampa com "drugs" na cabeça e no bolso, e sempre deparava-se com 5 minutos de amnésia. Coisas da canada, curvada ao peso da engrenagem progressiva... Luci



William S. Burroughs — 70 anos, autor de JUNKY (52), ALMOÇO NU (54) — (ed. Bras.) e que atualmente desenvolve trabalhos com os grupos The Police, The Clash, David Bowie e new Laurie Anderson, não acreditaria na surpresa: a música é dos Police nas bocas dos Menudo, mas é verdade. A TV mostrou: os rapazes dançam os quadris em sincronia. Menudo veio pra ficar? A criança canta embalada, enquanto Michael Jackson foi dormir. Jalro

"THE DAY sem mais AFTER"

Chile mata um padre e aciona estado de sítio. América Central transita momentos penosos sob prepotências dos EUA e URSS. As saídas Imperam a força motriz do Oriente Médio. Derradeiramente vem Brasil, sob o signo da onipotência da Dona A. Maria Jul. Vermelho é a cor. Luci

"INGNÁCIO DE LOYOLA DEFINE A MÍSTICA BEAT"

Herdalros de um existencialismo reciclado, do ovo BEATNIK nasceram hippies e punks, e todos os alternativos que se opõem a uma sociedade que de tão superdesenvolvida, ameaça fossilizar, mergulhada na estagnação. Uma sociedade que avançou tanto que cedeu lugar ao automático, abandonou o humano e inclusive acabou caindo dentro de problemas sociais e econômicos profundos. Curioso, europeus e americanos costumam vacinar contra o tifo, febre amarela, malária, ao entrarem em países do terceiro mundo. E nós do terceiro mundo não somos obrigados a uma vacina anti-industrialização, desenvolvimento quando viajamos para os desenvolvidos. (trechos de "O VERDE VIOLENTOU O MURO")

HAPPENING OU PERFORMANCE?

Aos que gostam das interpretações de Artaud, e de todos os movimentos performáticos, ou no mínimo, os que usam a arte viva como um dos meios para expressar suas idéias em artes plásticas "o encanto efêmero de coisas que você não vê duas vezes", novos ares poderão ser respirados.

Na última quinzena, o Centro Cultural Vergueiro trouxe uma temporada de discussões e apresentações, como uma forma de reconhecermos nos campos da gráfica, artes visuais, cênicas e música. Participaram entre outros, Hudinilson Jr., Guto Lacaz e Fernando Zarif. Novas concepções estão chegando e a Arte Performance vai criando corpo... Bom assim, pois as ruas são de todos e não enfrentariam burocracia... o esbarão de sempre... Luci

OU MESMO
UM BAR PARA
eraísto

bar
café R. Ricardo Vilella, 1352



FRUTAS - VERDURAS
E LEGUMES

Bolos : Chocolates - Abacaxis - Cenouras
Caldo de Cana : morango - Abacaxi - Baterraba

R. Cabo Diogo Oliver, 441 - Salda de Mogi

Raio de Sol
Produtos Naturais

Orientação - Cursos - Refeições Cosméticos
Lanches e Sucos Mel
Geléia Real - Própolis Produtos Integrais
Pães Integrais - Doces e Salgados
R. Sen. Dantas, 362 - Fone: 469-9458
Mogi das Cruzes - SP

BUKOWSKI

Crônica de um Amor Louco



O SONHO
AMERICANO
REDUZIDO
A TRAPOS OU A
LITERATURA
MOVIDA
A MULHER
E ALCOOL

Charles Bukowski, ou seu alter-ego, Henry Chinaski nasceu na Alemanha mas desde criança reside em Los Angeles por quem declara uma paixão platônica. Realista, lírico, seu universo é conduzido pela narrativa de um "comedor" insaciável, observador crítico da sociedade americana e sessentista decadente que fala de suas fantasias alcoólicas disformes que desnuda a linguagem acadêmica com discursos singular, satírico e esnoba.

Com a tradução de CARTAS NA RUA, (ed. Bras.) Bukowski aproximou-se dos leitores brasileiros que acompanharam a trajetória do ex-funcionário do Correio americano nos contra-

tempos de bêbado, safado e eficiente carteiro. Em CRÔNICAS DE UM AMOR LOUCO (L&PM) que se transformou no filme de Marco Ferreri, ele fala da corrida de cavalos, política, "xota larga", música, imprensa, Hitler, mulher e a assumida tara sexual.

Sem dúvida, sarcástico e imbatível, é uma estrela amada, desejada, odiada — pelas mulheres que o acompanham em suas histórias resacas, curadas com a injeção de cerveja e outras trepadas. (MULHERES — Ed. Bras.). Enquanto em MISTO QUENTE (Ed. Bras.) faz uma réplica da infância, seus jogos de beisebol, o tesão pela professora, brigas entre garotos. E como a literatura é a própria extensão de seu corpo, ele descarrega vibrante e contundente em cada frase, o eterno azarão.

JOHN FANTE

NA TRILHA

DO PÔ

PERGUNTE AO PÔ

PERGUNTE AO PÔ é poesia e prosa juntas. As pretensões pessoais como escritor, o amor — a de — Camila, a consciência da decadência constante, além das historinhas de O Cachorrinho Rio fazem deste livro um clássico que deve ter lugar no seu quarto e sua cabeça.

John Fante, que veio, foi e está, nasceu no Colorado, em 1909. Em 29, publicou seu primeiro conto. Concluiu PERGUNTE AO PÔ em 39 e outras até à morte em maio de 83.

Fante/Bandini é um impulso inovador, uma narrativa fluente que a genie começa e de repente imagina a rua, a casa, a decadência — Lonesome rider.

Quanta facilidade para escrever um livro e fazer uma história envolvente. Torcemos por uma corrida vencida. Acreditamos na história e acrescentamos. Então, assim, PERGUNTE AO PÔ (ed. Bras.) que John Fante lhe dirá.

QUANDO BUKOWSKI
ENCONTROU FANTE

"Então um dia peguei um livro, abri e lá estava a própria substância de cada linha dava uma forma à página, a sensação de alguma coisa esculpida lá. Tem muito mais coisa na história de uma sorte terrível, e um terrível destino, e de uma coragem rara e natural"



COLÉGIO

ESTRUTURAL

ESCOLA DE CURSOS RECONHECIDOS PELA
PORTARIA COGESP DE 12/11/84 E PUBLICADA
NO DOE DE 14/11/84.

Cursos de 2.º Grau

TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES
TÉCNICO EM SANEAMENTO
TÉCNICO EM REABILITAÇÃO
(Modalidade: Terapia Ocupacional)

PERÍODOS: Matutino
Vespertino
Noturno

Rua Barão de Jacuquã, 467 — 1.º e 2.º andares
Telefone: 469-5424 — Mogi das Cruzes — SP



O VERDE VIOLENTOU O MURO de Ignácio Loyola Brandão é um livro, poesia, literatura, informação, toque, medo, repulsa, consciência de desenvolvimento e subdesenvolvido. Mas as incoerências do Muro de Berlim nas cabeças dos habitantes — pessoas, gente, crianças e culturas — orientais e ocidentais. Depois do gozo, com o livro a gente pensa: Muro, qual o muro? Muro no Brasil, muro por todos os lados. Mas tem a alternativa do partido verde.

Leia o livro. Um muro no muro. Levante e gozemos juntos, o Loyola deu alô... Jairo

PRA CIMA COM A VIDA MOÇADA SEYMOUR — UMA INTRODUÇÃO

Paralelamente à geração BEAT, J. D. Salinger relata uma experiência embaraçosa no casório de seu irmão Seymour em 1942, um erudito e reflexivo jovem que, nós leitoras, identificamos à mesma tendência comportamental da época. Seymour suicidou-se em 1948 na Flórida enquanto passava suas férias. Mas o que o levou a fazer isso? Viva e verê. Luci



CAMISETAS
PROMOCIONAIS E EXCLUSIVAS

Av. Pinheiro Franco, 849

ATTIC.

LÍNGUAS · INTÉRPRETES
TRADUÇÕES

43 V. HÉLIO
TEL. 400.1007

MOGÍSSAS CRUZES
S. PAULO

O MUNDO É UMA
MONTANHA DE MERDAS:

SE VAMOS MOVÊ-LA,
É PRECISO QUE LHE
METAMOS A MÃO... (GINSBERG)

"FERLINGHÉTTÉ-SE"! Disse Leminski.

Tanto Leminski que traduziu Ferlinghetti, como o próprio, ambos são no mínimo uma dupla de erudição literário. Os poemas falam a partir da visão de um poeta crítico e anárquico dos sonhos americanos da década de 50 a 80. Acessível aos jovens de até 97 anos, "Vida sem fim" reúne os melhores poemas, onde mostra o desenfreio milagre econômico pós-guerra. Ferlinghetti aportou nas livrarias, mas não para nos balcões. Vai direto para o seu sensor artístico... Luci

Picaro

(in) EXPEDIENTE
(I) RESPONSÁVEIS

Luci Suzuki — MTB 14.931

Jairo Máximo — MTB 13.864

Castilho — Ilustração e Arte Final

Jorginho — Diagramação

Vamo lá moçada. Ajude nos a custear o PÍCARO antes que vá à bancarrota! Ajude a espalhar o vírus latente pelas ruas noturnas! Nós

PÃO, VINHO E POESIA

Lanchonete

A NOITE:

Vinho, Lanches



"MÚSICA AO VIVO"

TRAV. SANTA CRUZ, 48 — SHANGAI —

CANA DA ÍNDIA
AGORA TEM NOVO
ENDEREÇO



Largo do
Socorro nº 28